

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O EGÍPTO DE YOUSSEF CHAHINE  
22 e 25 de Novembro de 2023

## BAB EL HADID / 1958

“Porta para Hadid”

*um filme de Youssef Chahine*

*Realização:* Youssef Chahine *Argumento:* Abdel Hai Adib, Mohamed Abu Youssef (diálogos) *Fotografia:* Alevisse Orfanelli *Som:* Aziz Fadel *Montagem:* Kamal Abul Ela *Direcção Artística:* Gabriel Karraze *Cenografia:* Abbas Helmy *Música:* Fouad El-Zahry *Interpretação:* Farid Shawqi (Abu Siri), Hind Rustm (Hanuma), Youssef Chahine (Kenawi), Hassan el Baroudi (Madbouli), Abdulaziz Khalil (Abu Gaber), Naima Wasfy (Hallawatim), Said Khalil. Abdel Ghani Nagdi, etc.

*Produção:* (Egipto, 1958) *Produtor:* Gabriel Talhami *Cópia:* DCP, preto-e-branco, versão original com legendas em inglês e legendagem electrónica em português, 73 minutos *Estreia:* 20 de Janeiro de 1958, no Egipto; 1 de Junho de 1958, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Título internacional:* Cairo Station *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Polémico à data da sua estreia em Janeiro de 1958 no Egipto, **Bab El Hadid** foi considerado desde cedo como uma das obras maiores do neorrealismo egípcio e ficou conhecido um dos filmes mais relevantes títulos do dito “cinema árabe”. Internacionalmente designado como “Cairo Station” foi realizado num período determinante da história do cinema do seu país, entre a queda da monarquia em 1952 e a nacionalização do cinema em 1966. Aproveitando um intervalo de maior liberdade, Chahine traça aqui um retrato das classes mais pobres, e em concreto de um conjunto de personagens que gravitam em torno da grande estação central do Cairo.

A gare é apresentada como o “coração da cidade”, o centro onde chegam e de onde partem incessantemente comboios que transportam uma multidão de passageiros em trânsito com inúmeras histórias para contar. Central no filme é também o facto de o protagonista ser representado pelo próprio Chahine e este encarnar a personagem de um ardina – Kenawi –, que desenvolve uma obsessão por uma mulher, uma lindíssima vendedora de refrescos – Hanuma – com a quem Kenawi fantasia casar.

Contrastando com os mais populares melodramas egípcios do mesmo período, **Bab El Hadid** surpreende pelo modo como alia a liberdade formal e um certo desregramento ao nível do tratamento da imagem do som, ao desregramento do próprio protagonista, cujo desvario mental se acentua ao longo do filme. Falar apenas de neorrealismo é assim demasiado redutor para descrever um filme inequivocamente moderno, em que somos frequentemente confrontados com a estranheza de certos enquadramentos, e com

contrastes visuais que chamam a atenção para a dimensão mais “noir” de uma obra que surpreende também pelos contrastes sonoros – a alternância entre as sequências ruidosas na gare, e a ausência total de som.

É brilhante a forma como Chahine filma o caminho que conduz à perdição do protagonista, que no momento em que compra uma faca se encontra desde logo enclausurado por umas grades que apenas se desenham no imagem. A sua prisão é ainda apenas a do seu estado mental e a de uma condição que o separa das restantes personagens.

Chahine é ambicioso na pluralidade de temas que toca, da desigualdade social e da clara opressão das mulheres no contexto de uma sociedade extremamente conservadora – o jovem casal apaixonado que se despede à revelia da família do rapaz, as mulheres “da associação contra o casamento” que se manifestam pela liberdade feminina, mas também as lutas dos trabalhadores da gare, que se organizam por melhores condições, em que tem um importante papel Abu Siri, o homem com quem Hanuma quer casar.

Chahine/Kenawi é o “homem” que constrói e observa esta realidade de perto. A sequência do ataque de “Hanuma” é brilhante no modo como é coreografada e filmada. O contra-luz que enquadra a sua minúscula “sósia” na porta do gigante armazém, o cão que ladra, o balde que esta avista, o esperado ataque final... Enquanto se adensa o mistério e a perseguição, somos surpreendidos por mais ângulos inauditos, pelo simbolismo da banda sonora, por um gato que mia na noite, pelos ensurdecadores silvos dos comboios que sublinham a tensão.

Hitchcock, Orson Welles ou Douglas Sirk, tal é a riqueza de mundos convocados por um cineasta que passa continuamente de um registo a outro sem vacilar. Eis porque nos prende tanto este filme de Chahine, em que calvário interior do protagonista é pretexto para toda uma imensa invenção que coincide com a invenção do próprio cinema.

Joana Ascensão